

O ESTUDO DA SEGURANÇA NOS PARÂMETROS DE PROJETO EM HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL

RESENDE, Lorena Maia¹ **BORSA**, Maria Luiza R.² **MEDVEDOVSKI**, Nirce Saffer³

¹ Acad. de Arquitetura e Urbanismo, bolsista Finep-CNPq no Naurb-UFPel (lorenamilitao@gmail.com);

² Acad. De Arquitetura e Urbanismo (maluborsa@hotmail.com);

³ Profª.Dra.Associada – FAUrb – UFPel, coordenadora do NA Urb-UFPel (nirce.sul@gmail.com).

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a cidade teve a função de proteção contra o perigo, mas segundo Ellin (2003, apud BAUMAN, 2005, p. 61), “nos últimos 100 anos a cidade se transformou em um lugar que faz pensar mais em perigo do que na segurança”. Não é preciso esforços para notar o enclausuramento das pessoas em suas residências com a utilização de muros altos e opacos, grades, cercas, alarmes, dentre outros dispositivos.

O fato hoje é que as pessoas que moram nas cidades sentem insegurança e medo, o que acaba por afetar negativamente o modo como as mesmas usufruem o meio, principalmente o público. E é justamente nesse meio em que as trocas interpessoais, a dinâmica coletiva e a conservação dos valores socioculturais ocorrem. Desde modo, a insegurança tem contribuído por essa perda de vitalidade social, justificando assim os espaços fechados e fortificados (NYGAARD, 2010).

Estas moradias segregacionistas são toleradas pelas autoridades locais, impulsionadas por promotores imobiliários e por profissionais responsáveis pela criação e construção do espaço e aceitos com aparente satisfação pelos usuários (SOLINÍS, 2002, p.4). Política essa que gera um tipo morfológico residencial urbano privado - que estabelece suas próprias regras de uso do solo, edificação e convivência e que através de dispositivos físicos e organizativos de segurança se separa do entorno urbano, constituindo uma “segregação voluntária”. No entanto, os tipos arquitetônicos que são vendidos oferecem apenas uma “ilusão de segurança”. Vende-se uma segurança interna, gerada pela nítida separação do espaço público com o privado, mas que ao mesmo tempo produz uma insegurança externa, nas ruas e bairros.

Jacobs (2000) preconizava em suas publicações sobre medidas profiláticas para uma melhor qualificação urbana, a necessidade de usos principais combinados, a necessidade de quadras curtas, presença de prédios antigos, a subvenção de moradias populares, redução dos automóveis, projetos de revitalização, dentre outros. Recomendações que não tem sido seguidas nas cidades contemporâneas.

No contexto regional, a falta de segurança pública no Rio Grande do Sul, o aumento da violência, o sucateamento dos aparatos de segurança e a sofisticação das quadrilhas é fato real acompanhado pela população. O crescimento alarmante da criminalidade já colocou o Estado nas primeiras posições no ranking dos mais violentos do Brasil (WAISELFISZ, 2010, p.13).

O interesse pela pesquisa tem raízes quanto ao projeto de extensão interdisciplinar da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), o Programa Vizinhança, que principiou-se no ano de 2008 objetivando estabelecer uma relação com a comunidade vizinha ao campus Anglo que seria inaugurado. O estudo aborda o

tema de desenvolvimento em Tecnologia Social (TS) em Habitação de Interesse Social (HIS), na cidade de Pelotas-RS, em que o tema da segurança residencial se enquadra no subtema de requalificação participativa da infraestrutura do bairro, integrando o projeto de pesquisa ao de extensão. A região, conhecida como Balsa, está localizada no bairro Porto em Pelotas/RS. Os moradores pioneiros eram os funcionários do antigo frigorífico (que hoje sedia o campus da universidade). Em um ambiente de alta vulnerabilidade ambiental, baixa qualidade de infraestrutura e saneamento básico edificaram suas moradias e lá permaneceram, mesmo após a falência do Frigorífico Anglo. Hoje, a região ainda encontra-se necessitando de qualificação urbana básica e, com a vinda da Universidade, as demandas comunitárias, visando melhorias na região, estão sendo encaminhadas.

A partir da aplicação do Diagnóstico Rápido Participativo Urbano (DRUP), que foi realizado pelos acadêmicos do curso de Arquitetura e Urbanismo /UFPel, no ano de 2010 e no ano de 2011 teve sua atualização, constatou-se quais os problemas prioritários na visão dos próprios residentes. A segurança foi uma das reclamações mais frequentes, fazendo jus ao estudo do tema. Esse trabalho só veio comprovar a veracidade dos fatos. Pelotas, ano de 2004, esteve entre as dez cidades com maiores taxas de lesões corporais e delitos envolvendo drogas e em 17º lugar no ranking nacional em lesões corporais (agressões com ou sem arma) registradas, com uma taxa de 859/100.000 habitantes. Os resultados surpreendem, uma vez que são muito próximos ou até mesmo superam as prevalências dos tipos de violência urbana estudadas em cidades brasileiras de grande porte (CRUZ, 2007, p. 16). Em relação ao crime de furto/roubo à residência, Pelotas já chegou a superar os relatos dessa ocorrência em relação a grandes capitais, como Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Diante do exposto, o objetivo do presente trabalho consiste em apresentar o levantamento dos elementos físico-espaciais utilizados como meio de proteção residencial na área em estudo.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Quatro são as etapas para a realização do levantamento dos elementos físico-espaciais. Primeiramente, o tema da segurança tem raízes no resultado do DRUP que foi realizado de acordo com (MEDVEDOVSKI, 2002). A análise desse resultado se deu pelo recurso de mapas conceituais, através do meio digital Cmap Tools e Many Eyes (Fig.1), e por hierarquização de palavras-chaves. Quatro temas foram os mais citados, sendo eles: pavimentação, segurança, arborização e cuidado com os resíduos sólidos.

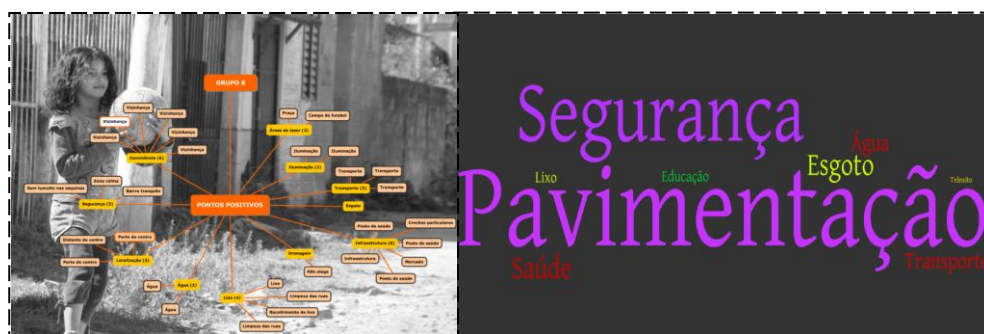


Figura 1 – Aspectos positivos do bairro Fátima (*Programa CmapTools*) – à esquerda e aspectos negativos do bairro Balsa (*Programa Many Eyes*) - à direita.

Na segunda etapa, foi feito um estudo bibliográfico sobre os temas: segurança urbana, espaço defensável, metodologia de pesquisa, tecnologia social e os dados secundários obtidos pelo Programa vizinhança.

A terceira etapa se deu pela caracterização do tema segurança em assentamentos habitacionais espontâneos. Foi realizada através do levantamento de campo, utilizando a técnica de mapeamento visual, segundo (RHEINGANTZ, 2009, p.50). As informações foram fundamentadas em planta cadastral da prefeitura da cidade com anotações complementadas por levantamento fotográfico e medições (Fig.2)

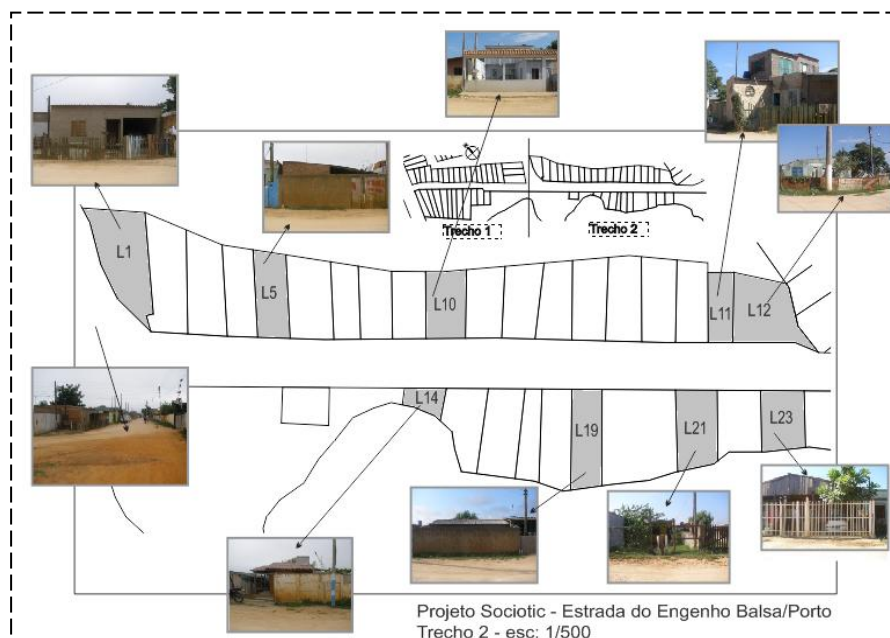


Figura 2 – Esquema da planta cadastral da área de estudo com seu levantamento fotográfico

Realizado o levantamento, observou-se a grande diversidade tipológica quanto ao tema. Assim, como quarta etapa, foram selecionadas variáveis como material, estado de conservação, transparência, dimensões e presença de aparatos de segurança são elementos de fácil percepção observados durante o levantamento. No entanto, foi necessário buscar na bibliografia variáveis que também podiam complementar o estudo e que não foram notadas devido seu grau de complexidade, como a definição e controle territorial, configuração dos acessos, conexões visuais e funcionais. Elencou-se um grupo de variáveis essenciais e a partir delas pretende-se criar elementos de proteção recomendáveis, que atendam a todos os parâmetros, e, através de um catálogo, as opções serão dispostas podendo variar o material, tipologia, preço, dentre outras.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto ainda está em andamento, entretanto, já é notório o medo refletido nos muros, sendo que uma das soluções encontrada pelos moradores para se protegerem é o fechamento quase total, sendo a pior solução e quase que um chamado para o crime, pois encobre a ação do delito, além de impedir a vigilância natural da rua. O estudo demonstra a carência de conhecimento sobre as relações ambiente/comportamento quanto à construção de proteções físicas nas habitações.

Na rua Estrada do Engenho, no bairro da Balsa, foram levantadas 35 casas no trecho 2. As primeiras variáveis analisadas consistiam em transparência,

dimensões, materiais e estado de conservação. A proteção residencial, independente de qual tipo de fechamento, estava presente em 85,71% dos casos. Aqueles que não a tinham estavam na maioria das vezes em construção. As cercas de madeira são as mais utilizadas, 40%; as cercas de arame, 20%; grade, 11,42%, nenhuma proteção, 14,28% e fechamento com material opaco, 14,28%. É válido ressaltar que o estado de conservação dos elementos são bem precários e a manutenção é deficitária. Segundo COSWIG (2011), a aparência afeta o senso de bem-estar, pois as pessoas parecem se sentir mais seguras e satisfeitas em lugares com boa aparência e bem cuidados.

Uma das desvantagens do fechamento opaco, ou seja, com material compacto, é que não permite o controle visual do espaço exterior. O código de Postura de Pelotas, Lei nº 5.528 na SEÇÃO IX – DOS MUROS DE DIVISAS, determina que os muros de divisas laterais e frontais, quando construídos com material compacto, não poderão ter altura superior a um metro, admitindo-se a alguma complementação do fechamento, até a altura máxima de três metros, respeitada a proporção mínima de 70% de vazados. Verifica-se, que na prática, as leis municipais nem sempre são devidamente cumpridas, pois os fechamentos, quanto à altura varia de 1 a 3m em gradeamento e fechamentos opacos, em sua maioria cercas.

O próximo passo da pesquisa consiste no incremento de opções para a realização de um catálogo de alternativas de limite e proteção dos lotes de moradia. Além da aplicação junto à comunidade para verificar a capacidade de aceitação do método de visualização em 3D dos elementos criados.

4 CONCLUSÃO

A participação popular no processo de aplicação de TS em área de HIS gera uma discussão que se volta ao tema de como as pessoas protegem suas residências com os elementos físicos. O papel da revisão da bibliografia é de auxílio aos parâmetros de projeto que serão testadas na próxima etapa, para verificação dos métodos preventivos.

5 REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MEDVEDOVSKI, Nirce S. *Regularização Urbanística em Conjuntos Habitacionais Populares e sua integração com o ensino de projeto na FAUrb UFPel*. ULACAV, 2002.
- NYGAARD, Paul Dieter. *Espaço da Cidade, segurança urbana e participação popular*. Livraria do Arquiteto. 1ª edição, 2010.
- RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Gisele A.; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, de Denise; QUEIROZ, Mônica. *Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Coleção Proarq. Rio de Janeiro/RJ, 2009.
- SOLINÍS, Germán. *Latinoamérica: países abiertos, ciudades cerradas – Prólogo* (2002). Disponível em http://www.unesco.org/most/ciudad_book.htm. Acesso em 25 de abril. 2012.
- JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades (The death and life of great american cities, Random House, 1961)*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 2ª ed. 510p.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros**. Disponível em <http://www.mp.rs.gov.br/areas/infancia/arquivos/mapadaviolencia.pdf>. Acesso em 30 mar. 2011.
- CRUZ, Suélen. **Violência Urbana em Pelotas – RS**. 2007. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas
- COSWIG, Mateus Treptow. *Dissertação de mestrado “A utilização de aparatos de segurança e a satisfação dos usuários de habitação de interesse social: um estudo de caso para o PAR em Pelotas, RS.”* Pelotas/RS. 2011